

À entrada no café

A minha atenção, algo que a meu lado alguém
[disse
voltou-a para a entrada no café.
Vi então aquele formoso corpo que parecia
tê-lo criado Eros do fundo da sua experiência,
modelando com deleite a simetria dos seus
[membros;
erguendo, escultural, seu alto talhe;
modelando com ternura o rosto
e deixando-lhe, só com o toque das mãos,
uma emoção na fronte, nos olhos e nos lábios.

Konstantinos Kaváfis
[trad. Manuel Resende]

Konstantinos Kaváfis

há uma lua da Grécia
no papel como fuligem
arraoado da arte
da arte ida e vivida

mesma a lua helênica
fotogênica burila
poema de efebo e sol
o verbo amar nunca um castigo

só o corpo se precipita
na lembrança de outro corpo
lembra, ó corpo, lembra
a lua pagã de Alexandria

entre senhores esquivos
escriturário do eterno
o poeta paga o beijo
prostituto da hospedaria

Wilson Bueno
[Correio de Notícias, 16/2/86]

fluxos fluxos fluxos

«O amor positivo da vida busca a inteireza. Porque busca a inteireza do homem a poesia numa sociedade como aquela em que vivemos é necessariamente revolucionária – é o não-aceitar fundamental. A poesia nunca disse a ninguém que tivesse paciência. [...] E porque busca a inteireza, a poesia é, por sua natureza, desalienação, princípio de desalienação, desalienação primordial. Liberdade primordial, justiça primordial. [...] Se queremos ultrapassar a cultura burguesa – ou seja o uso burguês da cultura – é porque vemos nele o reino da divisão, o fracasso do projecto da inteireza. [...] E caminhar para a frente é emergir da divisão. É rejeitar a cultura que divide, que nos separa de nós próprios, dos outros e da vida. [...] É a poesia que desaliena, que funda a desalienação, que estabelece a relação inteira do homem consigo próprio, com os outros e com a vida, com o mundo e com as coisas. E onde não existir essa relação primordial limpa e justa, essa verdade das coisas, nunca a revolução será real. [...] E quando a palavra da poesia não convier à política, é a política que deve ser corrigida.» **Sophia de Mello Breyner Andresen**, “Poesia e revolução”, texto lido no I Congresso de Escritores Portugueses, em 10 de maio de 1975, e republicado como posfácio de *O nome das coisas*, livro de poemas lançado em 1977 pela Moraes Editores.)

EXTRA, EXTRA. Está chegando às bancas e livrarias a antologia poética da revista CULT, **Poemas para ler antes das notícias**, sob curadoria de Alberto Pucheu, com 32 poetas e 7 artistas plásticos contemporâneos. Já!

FLUXOS, microjornal de poesia, é editado por Paulo Ferraz, Renan Nuernberger e Tarso de Melo

SP | *periodicidade temperamental* | *tiragem improvável*
arquivos disponíveis em tarsodemelo.wordpress.com
reprodução livre: leia, imprima, compartilhe | obrigado

FLUXOS

edição treze | agosto de 2019

só
o
ex
isto
ex
ist

pleyinski
88

edição em homenagem aos 75 anos
de Paulo Leminski [24/8/44 – 7/6/89]

A queda do céu

O céu está escuro às três da tarde. Não é preto, não é cinza. É uma mescla estranha de cores. É escuro. Há uma floresta queimada sobre São Paulo. Vai cair sobre a cidade a cinza de milhares de árvores. Assim se dá o encontro entre o Brasil que se julga civilizado e o Brasil que queimamos para civilizar. O Brasil que matamos cai sobre o Brasil que se acha vivo, esperto, moderno. A floresta vem visitar, vem avisar. Vai cair o céu.

Tarso de Melo

Supernova

Levei muito mais anos pra saber onde vai o acento na palavra clitóris do que para acentuá-lo. E quando
[o vento
sopra por dentro da minha garganta vital o som
[vibrante
sobe muito gutural eu sei eu gemo sabes quem sou?

Júlia de Carvalho Hansen

Apiário

se some o corpo
no mais sólido erro
da matéria migram
entre paisagens estilhaçadas
no mais denso retrato
no zunido mais zinco
soando silhuetas
as mais incorpóreas
abelhas translúcidas
nas veias da árvore
a mais tenra do quintal
com seus sóis rios ventos
migram até o osso puro
do tronco sem mel nem aroma

Luiz Gonzaga S. Neto

«Acho importantíssimo o rigor em escrever, reescrever, cortar e burilar. Mas sem o impulso inicial, não há poesia. Você pode até insistir e "fabricar" um poema com sua técnica. Falta-lhe, entretanto, o sopro. É importante cultivar a paciência. Aceitar os períodos mais desérticos, quando a poesia se afasta. Estar atento quando ela ressurgir. O poeta deve permanecer com a perplexidade e atenção de um menino que está descobrindo o mundo. A atenção é a sua forma natural de oração.» **Donizete Galvão**, em entrevista a Rodrigo de Souza Leão, 2002.

Tudo é vago e muito vário,
meu destino não tem siso,
o que eu quero não tem preço,
ter um preço é necessário,
e nada disso é preciso

Paulo Leminski [jornal Nicolau, janeiro de 1989]

Poema da cinza

Você me pede que lembre da minha casa
(essa onde me criei): não posso fazê-lo.
Minha casa é você, e as crianças.
Não presumo mais de outro lar que o nosso.
Se alguma vez tive pai: cinza.
Se alguma vez tive mãe: cinza.
O que foi umbigo: cinza.
O que foi matriz: cinza.
Todo meu passado vincutivo: cinza.
Sopra uma aragem do sul e fulguram algumas brasas:
cinza, cinza.
Oitocentas e trinta e três milhas de cinza.
Trinta e seis anos de cinza.

Dois livros e este poema, cinza.

Cinza sou
(sem fénix).

*Gustavo Pérez Firmat
[trad. Josep Domènech Ponsatí]*

Bem incomum

eu queria ser
uma extrusora
de imaginação

produzir imaginação
como quem produz
macarrão

cada espaguete
uma serpente
na cabeleira da medusa

cada serpente
seu veneno de musa
inoculado no pensamento

meus avós chegando na enxurrada
acenando
do barquinho de papel

meus filhos
sobrevoadando a mesa de jantar
na garupa de uma libélula

um congresso
trabalhando
pelo bem geral

um presidente
que sonhasse um país
menos desigual

Ruy Proença

Nanquim

Apreendi com as árvores
A escolher um dia de chuva para tombar
E pôr a culpa no vento
Para que ninguém desconfie
Da minha imensa vontade de cair.

Marcelo Benini